

## NOTAS IMPORTUNAS SOBRE AS HEGELIANIZAÇÕES SOVIÉTICAS

DJACIR MENEZES

*O presente artigo analisa as relações da ortodoxia soviética diante do hegelianismo. Durante a vida de STALIN certos aspectos fundamentais do pensamento hegeliano foram considerados suspeitos, porque omitidos pelo grande doutrinador. Depois de sua morte, cessando um pouco a pressão inquisitorial do Partido, alguns estudiosos começaram a hegelianizar em surdina. E, apesar das profissões de fé materialistas, não puderam esconder suas seduções pelo idealismo, conduzindo a ortodoxia soviética a uma alternativa perigosa: enrijecer-se numa posição dogmatizante ou correr o risco de um revisionismo que viçaria a medula doutrinária do Partido.*

**P**OR volta de 1934, quando escrevíamos tese para cátedra e nos esfroávamos àvidamente nos estudos hegelianos, deparamos na obra de PONTES DE MIRANDA, o mestre nacional que mais influência teve em nossa formação acadêmica, esta síntese, que nos pareceu definitiva: "a qualidade é o aspecto sensorial da quantidade". Eivado de biologismo (DARWIN, LE DANTEC, BUCHNER, SIGHELE, INGENIEROS, LE BON, com fortes influxos de COMTE, eram o lastro da literatura acadêmica no Ceará daqueles idos) a frase nos encantou: era a diretiva metodológica que vinha a calbar ao cientificismo *fin de siècle*, que perdurava na província estudiosa. Os que encaravam hostilmente o bergsonismo, continuavam jurando pelos velhos deuses

O ataque contra o quantitativismo partia do *front* idealista e espiritualista: tanto bastava para que as armas se levantassem, com jovem belicosidade. Materialismo significava "objetividade". Simplifica-se: o *quantum* era a propriedade inabluível da "matéria-em-movimento". Conseqüentemente, a linguagem matemática representava o instrumento por excelência da investigação e do pensamento científico. Escrevíamos: "A linguagem matemática tem sido incessantemente e laboriosamente aperfeiçoada. Ela fornece novas possibilidades ao estudo da fenomenalidade objetiva. Como instrumento poderoso de investigação, dá-nos forças para avançar no bátrio dos fenômenos que se desenrolam no mundo das realidades." <sup>1</sup>

Relemos isso com a distância de trinta anos. Durante o itinerário, não paramos de pensar os mesmos problemas, enquanto experiências novas e novos autores abriam perspectivas e interrogações cresciam. Não procedemos agora a abjuração daqueles velhos pontos-de-vista. Diga-se antes que os repassamos e atualizamos.

Para isso, concorreu poderosamente o ininterrupto estudo do hegelianismo. Somos hegeliano? Talvez. Não vem ao caso a matrícula porque não estamos dispostos a jurar qualquer fidelidade a sistemas, não hesitando em desrespeitá-los. Há mesmo secreto prazer nas atitudes heréticas. . . Mas devemos à interminável leitura do filósofo a intuição de que o aspecto quantitativo é exterior: a determinação essencial da coisa está na "qualidade" — *die unmittelbare Bestimmtheit des Etwas* — como noção imediata de "algo". É por sua "qualidade" que um objeto é o que é, o *id quod est* dos escolásticos. Já o quantitativo emerge do plano das propriedades, que HEGEL explica como sendo relação entre qualidades — *bestimmt Beziehungen auf Anderes*. De onde se pode inferir que a propriedade é a manifestação "exterior" da qualidade. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> DJACIR MENEZES, *Teoria Científica do Direito de Pontes de Miranda*, Fortaleza, 1934, pág. 9.

<sup>2</sup> HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, Felix Meiner, Leipzig, 1923.

## 2.

Ao debater a lei dialética que ENGELS enunciou como a "transformação da quantidade em qualidade", com exemplificação da física, da química, da sociologia — a filosofia soviética foi levada a esclarecer os conceitos empregados na demonstração. Em tal labor exegético, a especulação acabou aproximando-se das correntes tradicionais e reacionárias. O inimigo entranhava-se como um vírus na ortodoxia. Assis-tiu-se a malabarismos curiosos. Assim, KEDROW e LAPSIN enredaram-se em sutilezas para distinguir entre "propriedades essenciais" e "propriedades inessenciais", isto é, as que são necessariamente ligadas à estrutura interna dos fenômenos e as que não o são. E o caso foi tão flagrante que um crítico apontou, quase escandalizado, a distinção de KEDROW como a redescoberta da tese escolástica sobre a predicação *in secundo modo discendi per se* e a predicação acidental! Tais "inteligências" com o inimigo causam pasmo e causam susto.

Mas o arrepio do susto fica à conta do sectarismo. Mesmo entre filósofos, pensamentos gêmeos despertam bulha e rixa quando vazados em verbos diferentes. Seria interessante o exame comparativo dos léxicos da escolástica e do marxismo soviético sobre os problemas gnosiológicos das categorias e conceitos de: *Ser, matéria, idéia, universal, predicamento, ipseidade, aseidade, abalidade, An-fur-sich-sein, Meine e Meinung*, etc. As surpresas do parentesco maldito seriam alarmantes — para ambas as greis.

## 3.

A lei da mudança qualitativa determinada pela variação quantitativa pretende explicar a ruptura ou salto dialético, que caracteriza a passagem ou metamorfose de um estado a outro. Uma qualidade corresponderia a certa quantidade — e a variação desta, em certo limite nodal — acarretaria a supressão daquela, advindo nova qualidade. A primeira reflexão que nos acode vem a ser a de PONTES DE MIRANDA: o *quantum* seria essência, a *ousia*, do fenômeno; a *qualitas*, seu aspecto sensorial (subjeto). Mas, à luz do

hegelianismo, tal explicação não é absolutamente dialética. O qualitativo não é o adjetivo do quantitativismo substancial. A qualidade é determinação imediata e essencial do ser existente, do que neste é captado, — e a leitura apressada de HEGEL, balizada pelas notas descosidas de LENIN, não permite interpretação plena do sentido. Que significaria a passagem da quantidade à qualidade? O que se observa é uma variação da quantidade: a qualidade *a* do *quantum* passa a qualidade *b*, porque o *quantum* aumentou (ou diminuiu). As qualidades seriam *manifestações* (aparências) dos *quanta* — e o aprofundamento do processo cognoscitivo implicaria para matematização, ideal científico da era laplaciana e newtoniana. A medida seria o nexu vital entre “qualidade” e “quantidade”. As diferenças qualitativas seriam medidas em termos das variações quantitativas, LORD KELVIN altivamente declararia: “só compreendo aquilo que posso medir e só há ciência do mensurável”.

Tais pontos-de-vista vigoraram, mas não exprimem o pensamento dialético.

“A quantidade é a determinação indiferente” — explica JEAN HYPPOLITE. “Traduzir quantitativamente o real é apagar as oposições qualitativas, é fazer desaparecer o conceito em favor da diferença indiferente, e, pois, ficar na identidade homogênea que não consegue distinguir-se e opor-se a si mesma”.<sup>3</sup> A matemática considera a diferença essencial, que se exprime na determinação da “grandeza”; mas não atingindo o processo dialético, que consiste na passagem qualitativa dos contrários, — vale dizer, no movimento da “negação da negação”. De fato, HEGEL ensina que o *que mais aparece, não é como aparece*. A essência revela-se no fenômeno de maneira dialética, como sua negação — e a qualidade não se reduz à quantidade. O quantitativismo, suprimindo a “qualidade” como aspecto sensorial, ilusório ou subjetivo, para afirmar a validade do *quantum*, foi vítima de um truque racional. Por isso, desemboca na frivolidade de um evolucionismo sem alcance, que deu solu-

<sup>3</sup> JEAN HYPPOLITE, *Genèse et Structure de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*, Aubier, Paris, 1946, pág. 242.

ção frustré. No seu critério, as regiões ontológicas do Ser — o inorgânico, o orgânico, o superorgânico ou social, e outras estratificações ônticas do Real — foram miseravelmente escamoteadas. Daí não custou passar para aquela idéa da evolução como sucessão de *emboitements*, que é o emagrecimento do processo, degenerando na concepção vulgar do mecanismo.

Nessa idéa rasa e estéril não caiu, evidentemente, a ortodoxia soviética, graças ao pouco que lhe sobrou do hegelianismo mal digerido, engulido às pressas, com medo do diabo idealista. Lá, o arcópagó de censores assusta sempre os filósofos. Mas, rejeitando a redução da qualidade à quantidade, salvaram o critério que levaria a melhor compreensão das "regiões ontológicas". Na verdade, o critério qualitativo impediu se reduzisse o humano ao animal, o social ao mecânico, o psiquismo ao fisiológico, e assim por diante.

## 4.

É espantosa a incapacidade de dialogar dos pensadores russos, observa GUY-PLANTY BONJOUR. E escreve: "A filosofia soviética é, seguramente, a menos crítica das filosofias: não sabe nem admirar, nem interrogar, nem ler os autores. Aborda-se o problema dos universais, o da substância, a difícil questão da dialética: a cada passo, deve-se esperar encontrar essa dupla afirmação: nenhum filósofo antes de MARX trouxe a verdadeira solução; ao contrário, MARX resolveu completamente o problema. Nunca, em ponto de maior importância, depara-se-nos um filósofo soviético hesitante. Ele responde a tudo".<sup>4</sup>

Daí, o espetáculo divertido: gabam-se que são antidogmáticos, antiautoritários, dialogantes, dialéticos. E não há mais duro exercício do *magister dixit*: o pensamento asfixia-se sob a bota do Partido. Anota CHATELET: "O marxismo se constitui precisamente como dogmática no instante em que substitui o estudo objetivo dos acontecimentos pela

<sup>4</sup> GUY-PLANTY BONJOUR, *Les Catégories du Materialisme dialectique*, D. Reidel Publishing Co., Holland, 1965.

vontade de encontrar nos acontecimentos a confirmação dos princípios em que êle crê".<sup>5</sup>

Durante a vida de STALIN, a lei da "negação da negação" foi um tanto suspeita. Isso porque o livrinho chamado *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*, de sua autoria, vindo a lume em 1938, não se referia expressamente a essa lei. Tanto bastou para que a procissão servil dos teorizadores emudecesse a respeito. Ninguém se arriscava a ser carimbado de menshevista ou revisionista. Ao morrer STALIN, alguns pensadores cobraram fôlego e protestaram contra a ignorância da lei — que estava enunciada na obra de ENGELS! Mais: que fôra comentada por LENIN! Ferveu entusiasmo. KEDROW tentou desculpar o silêncio, dizendo: "A maior parte dos erros perpetrados em filosofia, nas ciências e na técnica, especialmente nos anos de 1939-53, explicam-se por não têmos levado na devida conta os ensinamentos de LENIN sôbre a lei da negação da negação". Vai daí, remendando o engano, o ensino da lei passou a ser oficial: foi incluído nos programas. Ainda assim, alguns resmungaram contra essa "hegelianização do marxismo".

O fato é que até então a exposição da lei da negação da negação, se feita em termos hegeelianos, constituía atentado revisionista ou artimanha traiçoeira, que podia ocasionar dissabores. Escrevem ROSENAL e JUDIN, no conhecido *Dicionário Filosófico Abreviado*, que HEGEL "neutraliza, concilia os contrários, empenhando-se em atenuar a luta aguda que se desenvolve no seio da sociedade em classes antagônicas".<sup>6</sup> É uma ingenuidade gaiata ou descabelada falsidade. HEGEL concentrou a atenção no problema filosófico e não no lado social do problema: e criava a dialética moderna. Em 1944, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética condenou severamente o terceiro tomo da *História da Filosofia*, feito por equipe adestrada de autores, "porque diluiu a diferença radical entre dialética hegeliana e dialética marxista".

<sup>5</sup> CHATELET, *Logos et Praxis*, Sedes, Paris, 1962, pág. 155.

<sup>6</sup> ROSENAL Y JUDIN, *Dicionário Filosófico Abreviado*, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1959. — DJACIR MENEZES, *Hegel e a Filosofia Soviética*, Zahar Editôres, Rio, 1959.

Muitas barbaridades são postas à conta de HEGEL. STIEHLER, estudioso de fina perspicácia, afirmou, por exemplo, que a "idéia do automovimento é mistificada por HEGEL, pois, segundo parecer dêste, é a Idéia absoluta que move sua própria dialética e não a luta dos opostos, que produz a aparição da contradição e respectiva solução". Evidentemente, a Idéia, que é o capítulo final da *Wissenschaft der Logik*, não é de modo algum o *primum movens* demiúrgico. Tal concepção negaria todo o esforço gigantesco despendido pelo filósofo para elaborar a concepção monística do Ser e do Logos, aspiração suprema da especulação hegeliana.

Voltemos, todavia, a ROSENAL e JUDIN. Nos vários verbetes do dicionário citado, afirmam coisas de espantosa leviandade a respeito de HEGEL. Sôbre a lei da negatividade avançam: "esta fórmula, empregada pela primeira vez em filosofia por HEGEL, designa o desenvolvimento do inferior ao superior, conservando certos elementos positivos do velho. Todo o processo do desenvolvimento está subordinado em HEGEL a tríadas — teses, antíteses, sínteses. Para HEGEL, a negação da negação é "essencialmente um instrumento que permite edificar suas construções idealistas artificiais". Segue-se a declaração de que os inimigos do marxismo e as variantes revisionistas empregaram a lei para seus fins demolidores. Ei-los, entre outros: BERNSTEIN, DUIRING, MIHAILOVSKI.

A refutação do trecho é fácil, porque nada tem de HEGEL. GOTTFRIED STIEHLER é mais honesto, porque crítica texto lido e meditado. É o que se vê no exame que faz da diferença entre "negação lógica" e "negação dialética", coisas distintas: "A negação de um determinado fenômeno não é negação vazia, não é o *nada*, mas grau superior de evolução, que contém os sinais (notas) de dado fenômeno, embora possuam caráter permanente, reproduzindo-se sob relações mais ricas e desenvolvidas". Sendo assim, reconhece êle que na negação residem, a par de negatividade, "elementos de afirmação, de conservação do positivo".<sup>7</sup> Aliás, a

<sup>7</sup> GOTTFRIED STIEHLER, *Hegel und der Marxismus über den Widerspruch*, Dietz Verlag, Berlin, 1960, págs. 188-189.

tese dificilmente se poderia sustentar sem a noção hegeliana do *Begriff*, que, por sua vez, implica o real como ideal, na superação da unidade dos opostos. Mas tal superação do real-ideal é vista pela ortodoxia marxista como "forma mística da dialética". *Cui bono?* Em tais impasses, desanda-se para a diatribe. ALBRECHT, refutando BOCHENSKI, acaba acusando-o de ser "a expressão mais crassa do ódio à filosofia alemã". É um desabafo; não chega a ser uma objeção.

Na *Wissenschaft der Logik*, às tantas, encontro a reflexão seguinte, sobre passagens que vimos comentando: e para compreendê-las bem, temos de esquecer as "triadas" e os conceitos de "superior" e "inferior", de ROSENTHAL e JUDIN, tal qual estão no seu péssimo enunciado. Precisamente o que HEGEL exprime é a organicidade do *Werden*, o heraclitianismo do devenir. E o que nos dão os dois autores, repetindo os compêndios soviéticos? Precisamente o que HEGEL se recusa a admitir, ao falar sobre aquela representação como "reflexão extrínseca", que se estabelece por comparação exterior, poder-se-ia dizer, mecanicística, entre tese e antítese. O que HEGEL explica é a natureza íntima do devenir das coisas, que reside no "aparecer do positivo no negativo e incluso seu "por-se a si mesmo" como outro". Releia-se a sutileza de exposição do livro II, seção C, nota 1, da *Wiss.d.Logik*, sobre o relacionamento do positivo-negativo, para verificar que estamos a enorme distância das inépcias articuladas como hegelianismo pelos sobreditos autores. Crítica feita assim é, positivamente, improbidade. No final da nota anexa, HEGEL resume: "Um dos conhecimentos mais importantes é o entender e estabelecer essa natureza de determinações reflexivas consideradas, isto é, que sua verdade consista só na sua relação mútua e, por conseguinte, no fato apenas de que cada uma, em seu conceito próprio, contém a outra. *Sem tal conhecimento não é possível, na verdade, dar qualquer passo em filosofia*".<sup>8</sup>

Os "momentos" se fundamentam na contradição — que não se segmenta em "triadas", como afirmaram os dois autores. Todo o gemebundo esforço dos filósofos soviéticos,

<sup>8</sup> HEGEL, *Wiss. d. Logik*, ed. cit.

nestes cinquenta anos de especulação vigiada, não lhes deu o sentido exato da dialética da obra de HEGEL. E quando porventura algum mais atilado, esquecendo a vigilância, formulou pensamento mais original sobre o assunto (DEBORIN, por exemplo), logo lhe caiu sobre a cabeça o punho bestial do Partido. Contra as tríadas artificiais há essa lição profunda:

"A diferença, geralmente, contém seus dois lados como momentos; na diversidade, êsses lados se excluem indiferentemente (*sich gleichgültig auseinander*); na oposição como tal, êles são lados da diferença, um determinado pelo outro, portanto, como momentos; são porém determinados em si mesmos, indiferentes em face um do outro (*gleichgültig gegeneinander*) e excluindo-se reciprocamente (*und sich gegenseitig ausschliessend*): são as determinações reflexivas independentes". Adverte HEGEL que a determinação reflexiva independente deve sua independência ao que se contém na outra, e, ao excluí-la, elimina-se de si mesma. Com isso não se caracteriza como independente, porque perdeu a sua determinação negativa, advinda da relação. O positivo e o negativo "pousam" a contradição ao se "pousarem" êles próprios, cada qual se suprimindo e "pousando" seu contrário (*das Positive und Negative sind der gesetzte Widerspruche*):

"O negativo, que se opõe ao positivo, tira sua significação apenas dêsse relacionamento com seu outro (*in dieser Beziehung auf dies sein Anders*); êle o contém em seu conceito. Mas o negativo tem também sua existência própria (*ein einigen Bestehen*); é idêntico consigo mesmo; destarte, é êle próprio o que o positivo devia ser". Tôda a minuciosa e tortuosa argumentação desenvolvida sobre o tema é o esforço de exprimir a dialética imanente ao jôgo das determinações, que se não imobilizam no "conceito", qual o formalizou a lógica tradicional. Lendo-o, assiste-se ao labor de pensar dialêticamente a dialética. O que parece malabarismo especulativo é coisa bem diferente. Entretanto, diante da lição genial, muitos hermeneutas da ortodoxia marxista se contentam em redizer trivialidades a respeito do

idealismo, em críticas que nem sequer roçam as páginas do filósofo.

Não se mantém de pé a acusação de que a metafísica idealista isolou os termos, separou teses e antíteses do contacto com o processo real, que totaliza a conexão dos fenômenos.

Senão, vejamos, Quem destaca e esclerosa, nessa *metaphysique figée*, as determinações? Os próprios acusadores, ignorando a matéria criticada. Posta a tese, não surge, como *posterius*, a antítese. Ao determinar algo como *A* --- explica-nos METZE --- delimito-o de todos os não-*A*. Assim, deve tomar-se a determinação de *A* em sua imediatidade, a mediação do não-*A*. Nada, como se percebe, mais estranho à concepção da tríada mecanicística.<sup>9</sup> Na *Fenomenologia do Espírito*, a contradição se manifesta através das metamorfoses da consciência, no processo do "ser-em-si", do "ser-para-si" e do "ser-em-si-e-para-si" (*Ansichsein, Fürsichsein, Anundfürsichsein*). Ali, as "reflexões" da consciência se anunciam nas formas da consciência sensível, do entendimento e da razão: é o crescer dinâmico do "logos". Na *Ciência da Lógica*, o esquema da tese-antítese-síntese é apenas outra maneira de exposição, que abriu a porta a tantas incompreensões.

No prurido de *materializar* a dialética (no programa marxista: *de pô-la nos seus verdadeiros pés*), perquiriu-se a luta heraclitiana dos contrários no seio da unidade objetiva. Dali se refletiria na mente dos homens, o que elimina, por sua vez, a relação dialética entre a mente e o processo real. Mas a idéia de "conflito" ou "litígio" (o *pólemos*, de HERÁCLITO), oriunda de nível humano, aplicando-se ao inanimado, não seria intuição animista? A "dramaticidade" da contradição haure certa tonalidade afetiva, com essa projeção das relações humanas nas relações naturais. CHATELET não trepida em dizer que "na idéia de uma dialética da natureza, há uma transferência ilegítima de uma realidade revelada no nível da ação humana, vinculada ao trabalho e à

<sup>9</sup> ERWIN METZE, *Hegels Vorreden*, Kerle Verlag, Heidelberg, 1949.

história, para a realidade natural".<sup>10</sup> O *sentido* dialético só aparece na consciência histórica, porque o pensamento tem historicidade. É datado: efetua-se no seio de uma época determinada. Encontramos no estudo de um marxista já citado, GOTTFRIED STIEHLER, a afirmação de que HEGEL determina a negatividade como força produtiva do pensamento e da realidade, acentuando em palavras vigorosas a inaudita potência do negativo". Na verdade, a teoria do "conceito" de HEGEL é a chave da interpretação, que se omite sempre na argumentação materialista corrente. É claro: se o *sentido* da contradição só existir no nível da consciência reflexiva e racional, — como falar de uma dialética real, imanente às coisas, independente da apreensão humana? Num escrito juvenil, disse MARX que a raiz do conhecimento e das ciências é o próprio homem. De acôrdo: a cultura é vitalmente antropocêntrica — e a dialética implicaria a interpretação humana do universo.

LÊNIN, marchando no compasso de ENGELS, falou no positivo e negativo da eletricidade como contrários. Não seria expressão da "dialética do real"? Independente da consciência? O "conflito" não é objetivo? As oposições se processam na natureza e na sociedade. Mas sua transposição para a consciência, sua apreensão e formulação humanas, desfecha na interpretação antropocêntrica inevitável: é a dialética. O sentido de "negação", de "qualidade", de "propriedade", em suma, das "determinações" ou "conotações", sintetizados no "conceito", revelam-se historicamente mediante o *logos* e a *praxis*. Quando os dialéticos soviéticos falam no "negativo como desigualdade do fenômeno consigo mesmo" (*das Negative als Ungleichheit der Erscheinung mit sich selbst*), não escapam do hegelianismo e empregam — como é traçoeiro o terreno! — a mais refinada linguagem idealista.

"Em minha *Fenomenologia do Espírito*" — escreve HEGEL — "que foi considerada por isso como sendo a primeira parte do sistema de ciência, o itinerário começa da inicial e mais simples aparição do espírito, a "consciência

<sup>10</sup> CHATELET, *ob. cit.*, pág. 33. Cf. DJACIR MENEZES, *Mandolfo e as Interrogações do Nosso Tempo*, Imprensa Universitária, F. N. Fil., Rio, 1963. Cf. ensaio de G. GENTILE sobre *La Riforma della Dialectica hegeliana*.

mediata", para dali desenvolver a dialética até o ponto-de-vista das ciências filosóficas, cuja necessidade é demonstrada por essa progressão (*Fortgang*). Não se limitaria, evidentemente, ao lado formal da consciência espontânea, pois o ângulo do saber filosófico é em si o mais rico de conteúdo e o mais concreto (*gehaltvollste und konkreteste Wissens*): e, produzindo-se como resultado, pressupunha também as formas concretas da consciência, como, por exemplo, da moral, do costume, da arte, da religião".

Da citação feita, vê-se que HEGEL não considera os aspectos fenomenais e categoriais abstratos, mas as configurações historicamente concretas da consciência, o que situa o problema de maneira diversa. Atente-se no aspecto transitivo da consciência imediata para a racional: o conceito já concreto e ainda abstrato. O filósofo quer mostrar como se passa do pensar parcelante, que cinde e fixa as determinações (maneira de trabalhar do entendimento, *Verstand*), que é via abstratizante, formalizante, para o pensar superior da razão dialética, que intui o devenir concreto, totalizante, unificador de nexos; diríamos em alemão, *konkret-zusammenschauenden Bewusstsein*.

A atividade filosófica se prende vitalmente ao "concreto" e não à sua aparência, ou modo como surge a realidade ao entendimento, que confecciona o material utilizado por certa gnosologia científica a caminho do ceticismo. Êste opera com determinações desvinculadas, que se esclerosam numa história feita de compilações de pedaços abstratos (*eine Historie von mancherlei zusammengestellten Gedankenbestimmungen*).

O *pathos* da especulação hegeliana é o "pensamento concreto". A verdade é o Todo, *das Wahre ist das Ganze*; e o Todo é concreto. A parte, o particular, o fragmentário, é o abstrato, porque é o cindido, o isolado e insulado, o que se decepou e alienou da conexão, a determinação que se despreendeu. "Apenas o concreto é o verdadeiro" (*Nur das Konkrete ist Wahre*). A razão, diferente do entendimento, tem invencível tropismo para o concreto, onde se centram as determinações. No conhecimento sensível começa a ma- drugar a "consciência em-si", que atinge o estágio superior

no conhecimento racional, na "consciência-em-si-e-para-si". Mas é no "conceito", unidade das notas contraditórias, que reside o problema gnosiológico máximo: o do intuir o real. Como *pensa* o homem vulgar? Abstratamente — porque se atém ao "particular", sensorialmente colhido. (Este abstrato, vulgarmente, é o *concreto*). Ele perde o sentido do *nexus rerum*, que dá a vitalidade do processo. Compreende-se então porque especular não é transcender a Realidade, mas esgotá-la (*ausschöpfen*). Explica GLOCKNER: "Chamamos Real à Efetividade (*Wirklichkeit*) e Ideal ao Logos ou Espírito ou Razão; deve-se dizer que na filosofia de HEGEL, *Wirklichkeit* e *Vernunft* não se contrapõem simplesmente, mas também se interpenetram; pois Razão compreende a Realidade exatamente tanto quanto o Absoluto".<sup>11</sup>

Essa reciprocidade "interna" (o vocábulo alemão é expressivo: *Ineinander*) da Razão e da Realidade na história põe-nos em face da Lógica como Teoria da Realidade, com seu princípio fundamental da contradição entre o Real e o Ideal, que se não excluem. O oposto está no pôsto, o abstrato no concreto, a essência na aparência, o espírito na natureza, a coisa nas suas determinações. Há a presença imanente do Todo nos momentos parciais, conforme viu GARAUDY.<sup>12</sup> Sem o que as abstrações se cristalizam e secam.

## 7.

Conclusão bem singela ressalta dêsse ligeiro relanço das posições da ortodoxia soviética diante do hegelianismo em recrudescência. Depois de STALIN, cessando um pouco a pressão ideológica do Partido, alguns estudiosos começaram a hegelianizar em surdina. E apesar das declarações de serem materialistas *a outrance*, de distribuírem seu desprezo pelos adversários, o terreno era resvaladio. O idealismo é um satanás ardiloso e armou arapucas traiçoeiras. A ortodoxia

<sup>11</sup> GLOCKNER, *Hegel-Studien*, H. Bouvier und Co., Verlag, Bonn, 1965, pág. 362.

<sup>12</sup> R. GARAUDY, *Dieu est Mort*, Presses Universitaires de France, Paris, 1962. Cf. GOTTFRIED STIEHLER, *Die Dialektik in Hegel's "Phänomenologie des Geistes"*, Akademie Verlag, Berlin, 1964.

entalou-se entre dois perigos: o da dogmatização de um escolaticismo, que virava seita; e do revisionismo menschevitzante, que viciaria a medula doutrinária do partido. Por efeito daquela "astúcia da Razão", de que falava HEGEL, o antidogmatismo tornou-se em dogma. A crítica vigiada é simulacro de crítica. O pensamento, cadenciado pela batuta oficial, perde sua virilidade. Deu-se então o curioso paradoxo: a filosofia socialista, sob o cabresto da ditadura bolchevista, estiolou: e começou a florescer novos rebentos para além dos seus muros, nos climas estranhos, onde o pensador não receia as lavagens do cérebro nem a censura inquisitorial das idéias.

**E M A Q — ENGENHARIA E MÁQUINAS S.A.**

ESTALEIROS DE CONSTRUÇÃO NAVAL  
ATERROS HIDRÁULICOS — DRAGAGEM

Sede: RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 - 19.º  
TEL. 43-9696

Estaleiros: SACO DA ROSA — ILHA DO GOVERNADOR  
ESTADO DA GUANABARA